

Parece que alguém abriu o peito e despejou lá para fora um ensaio inteiro sobre a erosão da infância por camadas de betão, com aquela combinação portuguesa tão típica: melancolia, lucidez e uma boa dose de irritação cívica. Enfim... nada como contemplar a lenta pavimentação da vida para animar o dia.

Vou à análise, que é para isso que estou aqui, mesmo que eu preferisse estar metáfora abaixo a ver os regos correr.

1. Estrutura e voz

O texto está organizado como um fluxo de memória e observação crítica. A voz é totalmente pessoal, íntima, carregada de nostalgia, mas não cai no sentimentalismo fácil. Há um equilíbrio interessante entre o “egomundo” (a experiência singular, sensorial) e o “mundo colectivo” (as forças sociais, económicas e tecnocráticas que pavimentam tudo). A alternância funciona bem: memórias calorosas, quase tácteis, são usadas como prova viva da perda.

2. Ideia central: pavimentar é esquecer

A tese é simples, mas eficaz: a pavimentação física acompanha uma pavimentação simbólica, uma cobertura progressiva da memória, do corpo e do ritmo humano por materiais que privilegiam velocidade, eficiência e controlo. Asfalto como metáfora de uma certa modernidade apressada e anti-orgânica.

O autor faz isto sem declamações moralistas. Ele conta. Ele lembra. E enquanto lembra, o leitor percebe o diagnóstico. A boa escrita dispensa megafone.

3. A dimensão sensorial

É talvez o ponto mais forte. A maneira como ele descreve a terra batida, os regos, os barcos improvisados, as trutas, as minas de água, os aluimentos... tudo isto tem textura, temperatura, cheiro. Quando depois descreve o asfalto, já se sente a secura, o calor que sobe de baixo, a ausência.

Há uma oposição clara:

terra e água = vida, infância, risco bom, imaginação

asfalto e cimento = controlo, segurança abstracta, perda de espaço para o corpo e para brincar

Em termos literários, isto é o coração do ensaio.

4. O argumento sociológico encaixa bem

A “trindade rodoviária” velocidade-circulação-estacionamento é apresentada com ironia, quase humor negro, mas serve bastante bem para explicar por que motivo a pavimentação avança como praga. A comparação dos tamanhos dos carros é um detalhe inteligente: mostra como a própria materialidade do quotidiano é um mecanismo de transformação do território.

5. A água como memória soterrada

O capítulo da água é belíssimo e, honestamente, a parte mais devastadora. A canalização e o desaparecimento dos regos transformam algo vivo num traço administrativo. O autor

sublinha isto com pequenas imagens dramáticas (os girinos, os “alfaiates”, a arquitectura granítica, os barcos improvisados). A força do texto está nisto: não se fala da água como tema; fala-se dela como corpo.

6. Humor discreto e crítico

Há ironias suaves que impedem o texto de cair no lamento absoluto (a lagartixa num basalto, o sacristão que caiu ao compasso, o motão que entra pela loja). São pequenas respirações num texto que, de outro modo, seria muito pesado.

7. Referências finais

O fecho com Álvaro Domingues, Paul Klee e Antonio Machado coloca o texto num campo mais amplo: a perda não é local, é civilizacional. O autor pensa o tempo, não apenas a freguesia. E o gesto final é honesto: admite-se “birrento”, introspectivo, nostálgico, como se a própria resistência à pavimentação já fosse um luxo pessoal.

8. Em termos estilísticos

É um texto cuidado, bem ritmado, sem gordura. A linguagem é clara, mas rica, com comparação sensorial e memória viva. A nostalgia é forte, mas não lamechas. A crítica é firme, mas não doutrinária.

9. Valor global

É um ensaio de perda, mas também de espantosa precisão. Mostra como a modernidade reorganiza não apenas o território, mas o corpo e a infância. E faz isto com uma voz que não quer salvar o mundo, apenas lembrar o que se está a destruir com a pressa de o melhorar.

Está bem escrito. Mais do que isso: está vivido. E isso, no meio de tanto texto pavimentado por aí, é raro.

Fico muito contente por saber que a análise lhe devolveu algo fiel ao autor — esse espelho subtil onde a subjectividade dele, tão particular, encontra forma. O texto que trouxe é de facto densíssimo, impregnado de memória, fricção entre progresso e perda, e uma voz que observa o mundo com rigor quase geológico e, simultaneamente, com ternura ferida.

Se quiser, posso aprofundar a leitura em qualquer direcção:
— a dimensão sociológica versus a autobiográfica;

Aceitei. Para mim, mas sobretudo para ti. Para que possas avaliar objetivamente. Afinal, é o teu território. Pensei que podias achar interessante.

Perfeito, Almerinda — então avanço na leitura sociológica do texto, que aliás já pedia esse enquadramento desde as primeiras linhas. O que segue é uma análise estruturada,

centrada no modo como o autor constrói um diagnóstico social e cultural através da memória individual.

Análise Sociológica do Texto

1. Egomundo: o indivíduo como centro de sentido

A noção de egomundo aparece como conceito-bússola. Não é apenas neologismo; é uma crítica sociológica ao hiperindividualismo contemporâneo. O autor distingue:

mundo colectivo — espaço das práticas partilhadas, dos rituais comunitários, das memórias comuns;

egomundo — a vida transformada em experiência privada, subjetiva, atomizada.

O texto assume que o sujeito moderno vive num “egocentro”, desligado de projectos comuns. Este deslocamento é apresentado com ironia e melancolia, mas também com rigor sociológico: a sociedade ocidental é convocada como território onde as referências partilhadas se dissolvem.

A estrutura aqui é claramente durkheimiana: perda de solidariedades mecânicas, enfraquecimento do chão comum, e um indivíduo crescentemente entregue a si próprio.

2. Pavimentação como metáfora sociológica

O núcleo do texto — a pavimentação da terra e a canalização da água — funciona a dois níveis:

a) Nível literal

O autor descreve transformações urbanísticas concretas: asfaltos, empedramentos, canalizações, supressão de regos, padronização dos espaços. É sociologia da vida quotidiana, com a atenção aos objectos, às infraestruturas e àquilo que Bruno Latour chamaria actantes da modernidade.

b) Nível simbólico

A pavimentação é também:

apagamento das práticas comunitárias (jogar ao pião, ao espeto, refrescar garrafas na mina, ver girinos);

eliminação do acaso: o cimento é limpeza, ordem, previsibilidade, controlo.

desaparecimento da natureza vivida: a água antes visível e sonora torna-se subterrânea, silenciosa, funcional.

O pavimento é, assim, a grande metáfora da modernidade acelerada: cobre, uniformiza, esteriliza.

A sociedade aparece pavimentada no mesmo gesto em que o egomundo se fecha sobre si.

3. Modernidade, velocidade e risco

O texto articula conceitos clássicos da sociologia da modernidade:

acceleration (Rosa): tudo se move mais rápido, tudo precisa de fluxo.

segurança automóvel vs insegurança pedonal: o risco desloca-se.

funcionalidade → higienização → desvitalização.

A tríade velocidade / circulação / estacionamento é um achado sociológico: um micro-modelo que explica a macro-transformação do espaço público.

A crítica é subtil mas firme: pavimenta-se para que o automóvel viva melhor, não para que as pessoas vivam melhor.

4. A memória como contrapoder sociológico

A dimensão memorial não é nostalgia sentimental. É:

contra-discurso

método de análise

prática sociológica de restituição do vivido

O autor não descreve a infância para se comover, mas para mostrar a violência simbólica e material da transformação. Memória aqui é ferramenta crítica — muito próxima do que

Pierre Nora chamaria lieux de mémoire, mas ao contrário: não são lugares preservados, são lugares destruídos.

A infância funciona como prova empírica da mudança.

5. A ecologia sociológica

Quando o autor afirma:

> “Esta é a nossa ecologia”

ele desloca o debate ambiental para um plano ético e político: só podemos criticar a destruição do planeta quando deixarmos de destruir o que está ao nosso lado.

Trata-se de uma crítica ao moralismo ecológico abstrato. É uma sociologia relacional: o local tornou-se fragmento do global, mas sem responsabilidade simbólica.

6. O final: Walter Benjamin e Antonio Machado

A aproximação ao Angelus Novus de Benjamin revela uma leitura profundamente sociológica do tempo histórico:

o anjo quer reparar, mas a tempestade do progresso empurra-o para o futuro

com os olhos fixos nas ruínas

O autor identifica-se com esse anjo: caminha “às arrecuas”, olhando para o que se perdeu — não por capricho, mas porque esse olhar é necessário para compreender.

A citação de Machado reforça a ideia: caminhamos sobre ruínas, sobre o mar, sobre instabilidade — mas caminhamos.

É uma ética da consciência e não da rendição.

Conclusão

O texto é um ensaio sociológico que combina:

análise da modernidade;

crítica às transformações infraestruturais;

reflexão sobre memória, identidade e espaço;

articulação entre ecologia simbólica e ecologia material;

uma poética que serve a sociologia sem a diluir.

O tom é simultaneamente íntimo e conceptual. É escrita sociológica que pensa a partir do corpo, da experiência, dos lugares — e é por isso que o conceito de egomundo faz tanto sentido: a subjetividade torna-se ponto de partida para pensar a sociedade.

Enquadramento sociológico mais profundo da ideia de “egomundo”.

Claro, Almerinda — vamos então desenvolver a terceira direcção, tomando como ponto de partida aquilo que, pelo contexto das nossas trocas, muito provavelmente correspondia à dimensão estético-fenomenológica / íntimo-existencial do texto, isto é: o egomundo como gesto de reinscrição sensível do indivíduo num espaço transformado, e como contra-movimento à aceleração moderna.

O egomundo como gesto fenomenológico e resistência íntima**

Na terceira direcção — aquela que não se fixa nem no plano sociológico estrito (Durkheim, morfologia social) nem no plano crítico-histórico (Benjamin, Angelus Novus), mas antes no registo da experiência vivida — o texto constrói um eixo profundamente fenomenológico:

1. O egomundo como lugar de enunciação sensível

O autor descreve um mundo não como estrutura social (macro), nem como narrativa histórica (diacrónica), mas como campo afectivo e perceptivo.

O egomundo emerge como:

um lugar onde a memória molda a percepção,

onde o corpo lê o espaço,

onde a paisagem se torna autobiografia material.

Não é apenas nostalgia; é a ação do mundo sobre a consciência e da consciência sobre o mundo — uma relação recíproca tal como descrita por Merleau-Ponty: o sujeito não “olha” o mundo: co-pertença, entrelaçamento, “chair do monde”.

É por isso que o texto está repleto de verbos corporais: sentar, descer, refrescar, arriscar, ver, ouvir, tocar, cheirar — todos eles são portas sensoriais por onde o autor lê o território.

2. O espaço pavimentado como perda da experiência do real

Esta direcção não critica apenas a pavimentação como facto urbanístico, mas como empobrecimento da experiência sensível.

Pavimentar = simplificar, nivelar, higienizar.
Mas também = reduzir a variedade sensorial:

não há lama → não há marcas, não há textura, não há acidente;

não há regos → não há murmúrio, movimento, translucidez, vida microscópica;

não há terra → não há cheiro, não há húmus, não há rasto.

O mundo pavimentado torna-se um mundo perceptivamente pobre, ainda que funcionalmente eficiente.

E aqui reside a crítica mais profunda:
a modernidade técnica cria um universo onde é cada vez mais difícil sentir.

3. A memória como forma de resistência ao mundo acelerado

A terceira direcção também é a mais literária, porque dá lugar ao conflito entre o tempo vivido e o tempo moderno.

Na sociologia da experiência (Michel Maffesoli, Hartmut Rosa), este conflito aparece como:

desaceleração do indivíduo vs. aceleração estrutural,

densidade da memória vs. leveza das infraestruturas,

profundidade do vivido vs. superficialidade da eficiência.

O autor, ao revisitar a sua terra, não está apenas a recordar: está a usar a memória como método de leitura crítica do presente.

É um gesto de resistência suave: não se opõe frontalmente à modernidade (não há moralismo), mas devolve densidade ao que a modernidade torna plano.

4. A estética da ruína: Angelus Novus como figura do sujeito

O Angelus Novus, de Klee, lido por Benjamin, olha para o passado arrastado pelo vento do progresso.

No texto, o autor identifica-se com esta postura:

> “avança às arrecuas com os olhos postos nas ruínas”.

É uma imagem de resistência afectiva, não nostálgica, mas vigilante.

O sujeito quer “não chegar”, quer evitar o ritmo imposto, quer preservar o intervalo.

É o contrário da seta moderna do tempo.

É a ética do passo para trás, do passo lento, da assembleia sensorial com o lugar.

5. A epifania do local: a pequena escala como verdade

A terceira direcção também aponta para uma filosofia do localismo sensível:

a curva onde a água era visível,

o Terreiro como campo de futebol infantil,

a mina com cristais,

os quatro metros mágicos de vaso comunicante,

o barco de casca de pinheiro.

Estes elementos são a liturgia mínima de uma existência.

Quando desaparecem, não desaparece apenas a paisagem: desaparece uma gramática sensível que dava sentido ao mundo.

Nesta direcção, o texto aproxima-se de Bachelard (a poética do espaço), de Yi-Fu Tuan (topofilia), e até de Sennett (o corpo no espaço urbano).

Em síntese

A terceira direcção lê o texto não como crítica social nem como alegoria histórica, mas como:

uma fenomenologia da perda sensível
e uma tentativa de reanimar o vínculo entre corpo, memória e lugar.

É, talvez, a camada mais íntima e mais literária do texto — aquela onde o sociólogo se torna homem, e onde a sociologia da arte encontra a sociologia da experiência vivida.

Consideração final

O texto é uma meditação poética sobre o tempo, a memória e a alteridade entre o sujeito e o mundo moderno: um alerta silencioso de que a objetivação excessiva do espaço pode levar ao empobrecimento existencial, mesmo quando tecnicamente tudo parece estar “melhorado”.

Perfeito, Almerinda. 🌿

Fico contente que tenhamos conseguido chegar a uma leitura tão clara e completa do texto. A sua percepção e sensibilidade tornam o resumo final ainda mais exato.